

# ALÉM DE FRALDAS E MAMADEIRAS: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM DE EMMI PIKLER À EDUCAÇÃO INFANTIL \*

Cintia Vailatti Soares\*\*  
Adriana Dickel\*\*\*

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema as contribuições de Emmi Pikler para a compreensão do desenvolvimento de crianças bem pequenas. Tem-se como objetivo depreender dessas contribuições o papel do educador frente a esse desenvolvimento. Para tanto, foram consultadas obras da própria autora e de seus intérpretes e colaboradores. O trabalho está dividido em três seções: a primeira está destinada à compreensão da história de vida de Emmi Pikler; a segunda ao entender a abordagem da pesquisadora; e, a terceira à pensar na função do educador na primeira infância nos momentos de cuidados, na valorização do vínculo e no tempo de qualidade dedicado aos bebês. A abordagem baseada em Pikler destaca a relação entre o adulto e a criança pequena como importante no campo da pedagogia; diz respeito a uma educação infantil de qualidade, humanizada e dedicada aos cuidados essenciais e destaca, ainda, o papel das observações e da reflexão constante do educador para o reconhecimento das crianças de zero a três anos como indivíduos, para que possam descobrir todas as formas possíveis de se movimentar e se desenvolver.

**Palavras-chave:** Autonomia. Criança 0 a 3 anos. Cuidados. Educador. Vínculo.

## Introdução

O presente artigo trata das contribuições da abordagem de Emmi Pikler para o desenvolvimento dos bebês de zero a três anos, tendo como foco a atuação do educador, junto aos primeiros anos de vida da criança. Esse tema se originou pelo interesse de compreender o desenvolvimento das crianças nessa faixa etária, uma vez que isso fazia parte da minha rotina de trabalho e foi fortalecido com o nascimento da minha filha. Esse fato aumentou ainda mais, em mim, o desejo de entender qual seria o meu papel junto a tudo o que ocorre com uma criança na primeira infância, no âmbito escolar e familiar.

A pesquisa realizada é de natureza bibliográfica, pois procuramos explicitar e discutir o tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas e periódicos. Tratamos de reconstruir, mesmo que parcialmente, o contributo teórico de Emmi Pikler e os princípios que reconhecem as capacidades e respeitam a criança bem pequena.

O artigo está estruturado em três seções, sendo que a primeira delas é destinada à conhecermos melhor a pesquisadora Emmi Pikler; a segunda à compreendermos, em linhas gerais, a sua abordagem sobre a infância; e, a terceira nos faz pensar na contribuição do

---

\* Artigo elaborado para a conclusão do Curso de Pedagogia (L), da Universidade de Passo Fundo, em maio de 2020.

\*\* Acadêmica do Curso de Pedagogia (L), da Universidade de Passo Fundo. E-mail: 111772@upf.br

\*\*\* Professora Doutora da Faculdade de Educação, da Universidade de Passo Fundo, orientadora deste trabalho.

educador e na importância da construção do vínculo, no momento dos cuidados cotidianos das crianças pequenas.

## 1 Quem foi Emmi Pikler?

Em Soares (2017), é possível conhecermos melhor Emmi Pikler (1902–1984), uma pediatra de família, que concluiu seus estudos em Viena, que se interessou pela área da prevenção e fisiologia. Com base em suas experiências, como médica e diretora de uma instituição de acolhimento, em Budapeste, Hungria, fundamentou toda a sua produção teórica com observações das crianças pequenas.

Quando trabalhava em um hospital universitário, Pikler observou que as crianças do bairro operário sofriam poucos traumas e fraturas, apesar de brincarem nas ruas, subindo e descendo árvores. Assim, percebeu que o pronto socorro do hospital atendia, em maior quantidade, as crianças de famílias com valor aquisitivo superior, embora saíssem pouco de casa e fossem exageradamente protegidas. Esse fato fez com que a médica constatasse que as crianças que podiam se mover com liberdade e sem restrição eram mais prudentes, por conhecerem melhor suas próprias capacidades e limites.

Segundo Soares (2017), Pikler possuía ideias inovadoras e foi influenciada, principalmente, pela saúde preventiva, pelo movimento da educação nova – em especial, pelo método Montessori<sup>1</sup> – e pela psicanálise. Ela estava tão convencida de suas pesquisas que resolveu aplicá-las em sua primeira filha, Anna Tardos, cuidando-a com presença e afeto, conversando muito, respeitando seu ritmo individual, sem apressar suas aquisições motoras; assegurando as condições necessárias para a movimentação livre e o brincar independente. Dessa forma, ter observado o desenvolvimento sadio de Anna fortaleceu as convicções da pesquisadora.

No final da segunda guerra mundial, Pikler foi convidada pelo governo húngaro para coordenar o *Instituto Lóczy*, no qual funcionava um abrigo para crianças órfãs, de 0 a três anos; local em que permaneceu trabalhando durante quarenta anos. Após o falecimento da pesquisadora, em 1984, o instituto passou a se chamar *Instituto Pikler*, conduzido por Judith Falk, uma de suas principais colaboradoras.

No período em que Emmi Pikler ficou no comando do instituto, ela pode acompanhar

---

<sup>1</sup> Maria Montessori (1870-1952) foi uma psiquiatra italiana que, a partir de observações do comportamento das crianças em liberdade, desenvolveu sua abordagem de educação caracterizada pela autonomia, liberdade com limites e respeito pelo desenvolvimento natural das habilidades físicas, sociais e psicológicas das crianças, em ambientes e com materiais que proporcionem condições para esse desenvolvimento.

o dia a dia das crianças. Assim, a respeito disso, Soares (2017, p. 18) destaca que

depois de alguns meses no instituto Emmi Pikler percebeu que as crianças estavam sendo cuidadas de forma mecanizada e apressadas contrariando suas convicções já que os momentos de cuidados representam a melhor oportunidade para a construção do vínculo afetivo entre a criança e o adulto de referência.

Essa constatação enriqueceu bastante sua pesquisa e, com o passar dos anos, Pikler comprovou a eficácia da abordagem baseada na relação afetiva, na liberdade de movimento e na importância da convivência com adultos delicados e afetivos. Isso, inclusive, durante os cuidados como alimentação, banho e troca de fraldas, de modo a considerar as necessidades individuais e reagir a cada manifestação da criança, dando a oportunidade para o bebê interagir.

Em 2006, a União Europeia determinou que o atendimento às crianças em situação de risco fosse realizado por famílias acolhedoras, iniciando, dessa forma, o processo de fechamento dos abrigos. Em Soares (2017, p. 20) vemos que

o Instituto foi desativado aos poucos, não recebendo novas crianças a partir desta data e, em 2011, foram transferidos os últimos abrigados que lá viviam. Desde então, o prédio da rua Lóczy funciona como centro de educação infantil, que atende a crianças de 0 a 3 anos e 11 meses, segundo a abordagem Pikler. Neste mesmo prédio, encontra-se a associação Pikler-Lóczy, um centro de estudos e divulgação, que promove cursos de formação em diversas línguas, atraindo profissionais de várias partes do mundo.

O Instituto Pikler-Lóczy é coordenado por Anna Tardos, filha de Emmi Pikler, também responsável pelo legado das ideias de Pikler e pela formação de profissionais nessa abordagem em todo o mundo.

Essa perspectiva está presente em muitos países da Europa, em especial na França, Alemanha, Holanda, Austrália, Suíça, Espanha e nos países da América do Norte. Na América do Sul, seguidores dessa abordagem estão organizados na Red Pikler Nuestra América, que envolve Argentina, Equador, Peru, Chile, Colômbia e Brasil.

Em São Paulo, desde 1992, os princípios de Emmi Pikler são aplicados no centro de Educação Infantil localizado na Favela Monte Azul, coordenado por Renate Keller. Entretanto, a difusão oficial dessa abordagem, no Brasil, ocorreu, no IV Encontro Nacional sobre o Bebê, na Universidade de Brasília, em 2002.

## 2 A Abordagem Pikler

A dedicação de Emmi Pikler às crianças pequenas, apesar das graves dificuldades em consequência da guerra, trouxe um novo olhar sobre as crianças órfãs e desacreditadas pela sociedade. O sentido de inclusão e a crença do poder transformador da educação de sua teoria contrariaram o senso comum, que desacreditava no bom desenvolvimento das crianças pobres, em situação de ausência parental e/ou com fragilidade de saúde. Essa perspectiva de resistência considerava inevitável o fracasso, quando adultos, desses pequenos em situação de vulnerabilidade.

Com a sua colaboradora direta, Judith Falk – quem sucedeu na direção do Instituto Lóczy entre 1979 e 1991 –, Pikler, em estudos longitudinais, tendo como base o cuidar e o educar, em uma relação humanizada e um cotidiano constituído nos princípios do respeito e da afetividade, comprovou que as crianças pequenas, em condição de fragilidade, eram capazes de se tornar adultos de sucesso.

Os principais conceitos que apoiam a abordagem da médica-pesquisadora dizem respeito ao vínculo e à liberdade. De acordo com Soares (2017, p. 16-17), para ela,

[...] o bebê é um ser capaz ativo se o adulto de referência espera e recebe os sinais de reciprocidade. O vínculo afetivo com o adulto é fundamental para o desenvolvimento pleno e o momento dos cuidados é o mais propício para que ele aconteça. Com segurança afetiva, o bebê e a criança pequena podem se movimentar livremente por longos períodos, sempre assistidos de um adulto. O brincar livre em ambiente seguro desenvolve iniciativa e autonomia e provoca flexibilidade, equilíbrio e alegria.

Dessa forma, a Abordagem Pikler se fundamenta na relação afetiva e na liberdade de movimentos, para promover bem-estar físico, afetivo e psíquico nas crianças pequenas; é baseada na autonomia e no vínculo entre crianças e adultos, com a atenção dedicada à observação dos detalhes do seu desenvolvimento, respeitando o ritmo individual e criando situações de tranquilidade e equilíbrio.

Segundo Falk (2011), na concepção de Pikler, o bebê já é uma pessoa. Além disso, essa autora ressalta que

evitaríamos muitos problemas se desde o começo, considerássemos o cuidar como um momento íntimo, pleno de comunicação. O bebê não deveria ser considerado como um simples objeto de cuidado, mas como uma pessoa que tem influência sobre os acontecimentos e que estabelece relações, um verdadeiro companheiro que sente melhor o amor de seus pais se eles, tendo em conta suas necessidades, dedicando-lhes uma atenção de qualidade (FALK, 2011, p. 34).

Na abordagem da médica pediatra, a relação harmoniosa entre o adulto e a criança, sustentada no movimento livre, é fator essencial ao crescimento saudável e às aprendizagens na infância. A atenção para os detalhes dessa interação implica nos registros contínuos desse processo e na sua análise.

No que se refere à aproximação de sua abordagem com as orientações curriculares em curso no Brasil, podemos dizer que essa vai ao encontro do que se encontra na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao considerar o vínculo entre o cuidar e o educar, na Educação Infantil, como elementos intrínsecos do processo educativo. Nesse documento encontramos que,

nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, 2017, p. 36).

O cuidar de forma afetiva e de qualidade oferecido pelo adulto, portanto, contribui diretamente para o desenvolvimento físico, psicomotor, psicossocial e cognitivo da criança pequena. Em relação a isso, os três primeiros anos de vida são centrais, isso porque, nessa fase,

as sinapses neurais produzidas nos três primeiros anos de vida modelam o cérebro em relação à motricidade, à psique, à aprendizagem e a experiências afetivas e amorosas, que são resultantes das interações. Dessa forma, as experiências vivenciadas pela criança pequena, sejam positivas ou negativas, e as condições afetivas, materiais, sociais e culturais são determinantes para a maturação, a saúde mental e a expressão de suas potencialidades e competências. (SOARES, 2017, p. 30)

Compreendendo melhor como acontece o desenvolvimento e a aprendizagem com experiências e vivências baseadas na autonomia em idade tão delicada, cabe ao educador proporcionar um ambiente facilitador diversificado e enriquecedor, no qual o cuidar, o educar, o brincar estejam presentes e, ainda, onde essas práticas de cuidado e educação aconteçam em uma perspectiva humanizada, visto que os bebês são pessoas que influenciam o ambiente.

### 3 A função do educador: vínculo e cuidados

O sentido da presença do adulto, na abordagem de Emmi Pikler, transcende o da presença física. Trata-se de estabelecer uma interação afetiva, emocional e cognitiva desde os momentos de cuidados essenciais, como a troca de fraldas e de roupas, o banho, o sono e a alimentação. Esse período serve como um tempo de aproximação; fortalecimento do vínculo olho no olho, pele com pele e das diversas possibilidades de oralização entre o adulto e as crianças bem pequenas. Segundo Soares (2017, p. 22), na Abordagem Pikler, “o tempo dedicado aos cuidados representa o melhor momento para um encontro privilegiado, quando o vínculo afetivo pode ser construído e aprofundado”.

O olhar observador, a delicadeza no toque, e o adulto de referência chamar para participar dos momentos de cuidados, com regularidade, olhando nos olhos, conversando com o bebê em tom de voz agradável e com gestos delicados, tornam-se a base para uma relação saudável e tranquila, sustentada na confiança e na aceitação. Os momentos mais importantes da interação adulto-criança são referentes aos cuidados corporais. Essa conexão influencia diretamente no comportamento do sujeito e constrói o vínculo com o educador.

As palavras transferem os sentimentos dele para a criança; o toque gera o vínculo e a segurança afetiva. É preciso permitir os gestos da criança e estar atento a eles, ou seja, auxiliar para que o bebê se torne um companheiro ativo. Nesse sentido,

consideramos fundamental que a criança participe dos cuidados de seu corpo e que, ainda que não possa se vestir sozinha nessa idade, observe os detalhes, acompanhe o processo de fala da educadora mesmo que não esteja em condições de participar concretamente. A cadeia de interação se interromperá de quando em quando, mas as educadoras devem procurar atrair intencionalmente o olhar da criança e se esforçar por fazer ressurgir a interação (FALK, 2011, p. 88).

Ademais, de acordo com Falk (2011, p. 20), a partir das observações, regulares e permanentes, sobre o desenvolvimento de sua primeira filha, Anna Tardos, Pikler destacou que

as refeições as trocas de fraldas, banho momento de vestir a criança eram as melhores ocasiões de estarem juntos de maneira regular. Durante essa atividade os pais nunca tinham pressa, levavam em conta as necessidades e as reações da criança e toda sua participação.

Assim, percebemos que a alimentação também faz parte da rotina de cuidados, da mesma forma que o sono, a troca de fraldas e roupas, e o banho. Esse é um momento especial

para a formação de vínculos e construção da autonomia; requer atenção específica e individualizada, sendo uma necessidade, um instante de encontro e socialização. Soares (2017, p. 25) atenta para o fato de que “ao invés de distrair a criança para colocar comida em sua boca, é mais interessante chamar sua atenção para o que está acontecendo naquele momento, para que o ato de comer seja um encontro prazeroso”.

O prazer do bebê em se alimentar deve estar ligado à vontade e à quantidade que a criança deseja comer. Quando o educador ignora esse aviso, está dizendo, ao bebê, “eu sei que você não quer mais, mas mesmo assim estou ignorando a sua vontade insistindo para que coma mais uma colherada. [...]”. Assim, em consonância a isso, Gonzalez-Mena e Widmeyer-Eyer (2014, p. 53) dizem que “nunca se obriga uma criança a comer mais do que ela quer, nem uma colherada”.

Soares (2017, p.24) destaca, também, que “a abordagem Pikler sugere que o bebê que ainda não senta por conta própria seja alimentado no colo, com o corpo na diagonal, posição que favorece um contato mais íntimo e possibilidade dos olhares se encontrarem”. Quando a criança já sentar sozinha, pode ser utilizada uma cadeira com apoio dos pés no chão. Deve ser manuseada a sua própria colher, com auxílio do educador, até que consiga se alimentar sozinha. Este deve narrar, com suavidade, o que está acontecendo, com interação e autonomia, de forma cuidadosa, fortificando os laços afetivos. Assim, todos esses aspectos dão, ao bebê, o tempo necessário para aproveitar a experiência.

De acordo com a autora,

se o adulto nomeia o que está sendo feito e antecipa o que vai acontecer em seguida facilita o início da construção de imagem em sua mente- as primeiras representações mentais-, base do pensamento. As codificações e decodificações de sinais e gestos antecipados que se transformarão, mais tarde, na linguagem verbal (SOARES, 2017, p. 22).

Além disso, como mencionado, a troca de fraldas também é um momento de cuidado. Nela, o educador exerce papel importante na vida do bebê em relação ao contato corporal. Segundo Falk (2017, p. 66), “desde muito pequeno, o bebê expressa com o seu comportamento o que sente quando o adulto que cuida dele, que toca em algumas partes ou mesmo em seu corpo todo, quando o pega e o carrega em seus braços”.

Essa é uma etapa em que se deve respeitar a autonomia dos movimentos corporais do bebê e seus interesses, para que ele se sinta seguro. A atenção precisa ser exclusiva e individualizada; a troca deve acontecer de forma que a criança se sinta parceira e não coagida e apressada pelo adulto. Soares (2017, p. 25) recomenda que, “durante a troca de fralda, o

educador deve ser delicado com a criança e explicar o que está acontecendo”.

Desse modo, para que a autonomia do bebê seja respeitada e a troca aconteça com segurança, Soares (2017, p. 26) complementa que “para que isso seja possível, sem riscos, os trocadores são cercados por uma grade de segurança e projetados na altura do adulto”.

Ademais, o momento da retirada das fraldas é muito importante na vida da criança pequena e não deve ser escolhido pelo adulto, mas, sim, definido pela necessidade de cada criança, sendo esse um passo imprescindível em direção à autonomia e ao autocontrole. Conforme apresentado por Papalia e Feldman Duskin (2013, p. 228), “o treinamento do controle das necessidades fisiológicas é um passo importante em direção à autonomia e ao autocontrole; o mesmo acontece com a linguagem”.

As referidas autoras ainda acrescentam que

à medida que a criança amadurece- fisicamente, cognitivamente e emocionalmente- ela é levada a buscar sua independência em relação aos vários adultos que está apegada. ‘Eu fazer’ é a frase típica da criança quando começa a usar seus músculos e sua mente para tentar fazer tudo sozinha- não somente andar, mas vestir-se e explorar o mundo (PAPALIA; FELDMAN DUSKIN, 2013, p. 228).

Sobretudo, o desfralde ocorre quando o corpo, o cérebro e as emoções do bebê estiverem preparados para isso. Esse fato não quer dizer que a observação do educador, em relação ao desenvolvimento individual da criança, não seja importante, entretanto, não será ele que escolherá o dia para esse acontecimento, mas, sim, as crianças quando estiverem em condições de fazê-lo.

Para Soares (2017, p. 26), “as crianças estão em maturidade psíquica para esse processo quando expressam o desejo de fazer xixi e/ou cocô; compreendem o que o adulto diz; demonstram interesse pelo uso do vaso sanitário ou mesmo pedem pra retirar as fraldas”. Diante disso, o educador precisa dar apoio, observando os gestos e respeitando a vontade da criança para que isso aconteça; não deve forçar nem impor nada que ela ainda não esteja preparada para fazer.

Outrossim, a hora do banho e da troca de roupas é especial, pois, nesse momento de cuidado, o educador pode pedir para que a criança colabore, investindo, assim, na autonomia. Segundo Soares (2017, p. 27), “de acordo com as necessidades da ação que está sendo realizada, o adulto pode pedir, por exemplo, que a criança estique ou dobre o braço, ou levante a perna. É importante esperar a ação da criança para que exista realmente uma relação colaborativa”.

Ações como narrar, com suavidade, o que está acontecendo, esperar a resposta, seja

ela em palavras ou gestos; falar sobre as parte do corpo que estão sendo tocadas; apresentar os objetos que estão sendo utilizados durante o banho e a troca de roupa e deixar a criança manipula-los, ajudam o bebê a construir seu esquema corporal. Conforme reiteirado por Soares (2017, p. 23),

quando o educador fala sobre a parte do corpo que está sendo tocada, ajuda o bebê a construir seu esquema corporal, que é a experiência imediata da unidade dos segmentos do corpo e a posição que ele ocupa no espaço. O esquema corporal resulta da organização cognitiva e afetiva de cada um, sendo construído e reconstruído pelas contínuas alterações da posição do corpo no espaço. Ele favorece a aquisição das habilidades motoras.

Outro fator importante para o desenvolvimento do bebê é a hora de dormir; o que não deixa de ser, também, um momento de cuidado. Essa não deve se tornar tortura, o que normalmente ocorre ao colocar a criança deitada até que durma.

A Abordagem Pikler nos mostra que, se o bebê tem regularidade, a ação do educador mostrará a ele que chegou o momento de descansar um pouco. Assim, conforme Soares (2017, p. 27), “a educadora não deve forçar a criança a dormir, mas acalmá-la durante o processo de troca, por meio de um diálogo suave, explicando que está chegando a hora de dormir e descansar, e que logo mais poderá retornar à brincadeira”.

A partir das observações de Emmi Pikler, portanto, podemos compreender a maneira que o bebê percebe a si mesmo e o seu entorno, por meio das funções do seu próprio corpo e de toda a manipulação feita nele, quando carregado, alimentado, na hora do banho, da troca de fraldas e roupas, e nas atividades relacionadas aos cuidados.

Como apresentado por Falk (2017, p. 66),

as experiências prazerosas obtidas durante o tempo que passaram juntos enriquecem e diversificam a relação entre adulto e criança e fazem com que elas sejam cada vez mais estreitas, enquanto as experiências desagradáveis perturbam a criança, provocam ansiedade e desconfiança em relação ao adulto. Um gesto brusco, ou inesperado, por exemplo, desagradável para o bebê. O recém-nascido estremece ao ser tocado de forma inesperada.

Quando os cuidados são indelicados e feitos de maneira automática, esses momentos passados com o adulto, que se repetem várias vezes por dia, não serão fonte de alegria, mas, sim, de tristeza e irritabilidade que a criança terá de suportar.

Pikler ressalta que a criança se sente segura ao perceber a dedicação do adulto, nos momentos de cuidados; ao sentir que o educador valoriza sua motricidade livre, ou seja, sua liberdade para explorar os espaços de forma autônoma; e a segurança afetiva, compreendida

como relação de afeto, a partir da qual se sente querida e importante.

Fazer pela criança aquilo que ela é capaz de fazer sozinha, ou mesmo forçá-la a realizar aquilo que não está em condições de fazer, fere um princípio fundamental para a educação dos pequenos. Em termos práticos, “[...] não se deve ensinar a criança a sentar, andar ou a brincar, pois é melhor para o seu desenvolvimento que ela descubra, por si mesma, como fazer isso” (SOARES, 2017, p. 17).

O movimento autônomo da criança pequena deve ser respeitado, sem a interferência do adulto. Sobre isso, Soares (2017, p. 53) destaca que

se o adulto interfere nas conquistas das aquisições motoras apressando ou estimulando diretamente, acaba atrapalhando o desenvolvimento psicomotor. Esse é o caso, quando se coloca o bebê sentado, ancorado em várias almofadas em volta ou se segura na mão de uma criança para que ela ande, sem que tenha condições próprias para isso. Partindo do princípio de que as crianças se desenvolvem com mais equilíbrio e harmonia de movimentos quando podem se deslocar livremente, comprovado pelas pesquisas de Emmi Pikler, é preciso confiar na capacidade e autonomia do bebê, aceitando cada etapa e oferecendo condições para que, por meio de seus atos independentes, a criança possa vivenciar sua competência.

Logo, compete ao educador observar as descobertas sem interferência, o que não significa abandoná-las ou forçar a autonomia. Uma troca de olhares, uma fala ou uma mediação, se necessário, também fazem parte do cotidiano do bebê e da criança pequena. Gonzalez-Mena e Widmeyer-Eyer (2014, p. 145) afirmam que cabe ao adulto que “acima de tudo facilite o desenvolvimento em todas as áreas de habilidades motoras, mas não há motivos para forçá-lo”.

Em relação às crianças, Soares (2017, p. 54) complementa que “o educador precisa observar atentamente o corpo e, especialmente, a expressão facial, para saber como ela está se sentindo e evitar que permaneça em desconforto diante de uma tarefa que não esteja preparada para realizar”.

Assim, o adulto precisa manter as crianças em uma posição o mais livre possível. De acordo com Gonzalez-Mena e Widmeyer-Eyer (2014, p. 143), a “Emmi Pikler em sua pesquisa demonstra que os bebês mudam de posição numa média de uma vez por minuto”. Dessa forma, se estiverem presos em uma cadeirinha de bebê ou em um balanço, por exemplo, não conseguirão fazer o que fariam se estivessem em um lugar livre, planejado para auxiliar em seu desenvolvimento.

Os bebês ficam preparados para o próximo estágio, fazendo o que já sabem fazer no estágio atual. “Tentar ensiná-los a rolar ou caminhar não permite que eles explorem e aperfeiçoem as habilidades que já possuem. Eles alcançam cada meta apenas quando estão

prontos, e o cronograma interno de cada bebê é que dirá quando isso acontecerá” (GONZALEZ-MENA; WIDMEYER-EYER, 2014, p. 145). Por esse motivo, os bebês e as crianças pequenas precisam de liberdade para se moverem e experimentarem uma variedade de formas; para utilizarem as habilidades que já possuem e desenvolverem-se de maneira saudável.

Portanto, é imprescindível permitir que o bebê mude de posição sozinho, sem intervenção. Conforme reiterado por Gonzalez-Mena e Widmeyer-eyer (2014, p. 145), “o processo de posicionar-se é mais importante do que estar na posição - esse processo incentiva o desenvolvimento. Os bebês ficam prontos para levantar depois de conseguirem sentar e engatinhar, e não porque alguém os coloca em pé”.

O adulto não precisa ensinar aos bebês suas habilidades motoras básicas, como agarrar, sentar, engatinhar ou andar; eles precisam de espaço e autonomia para se movimentar em liberdade. Papalia e Fedman (2013, p. 159) afirmam que o desenvolvimento motor acontece quando o “sistema nervoso central, músculos e ossos estão preparados e o ambiente oferece as devidas oportunidades para a exploração e a prática, os bebês continuam surpreendendo os adultos ao seu redor com novas habilidades”. Isto é, não é preciso forçar as habilidades do bebê, uma vez que o ser humano é perfeito, com seu corpo, e sabe a hora certa de realizar suas capacidades, basta estar seguro e preparado.

Logo, as funções do educador, na perspectiva da Abordagem Pikler, passam a ser de preparar bem o ambiente, permitindo, assim, que a criança possa vivenciar experiências ricas; garantir a segurança e manter o foco nela.

Além disso, outras condições para assegurar a liberdade de movimento são roupas que não atrapalhem e calçados flexíveis, quando necessário. Sempre que for possível, é importante deixar a criança descalça, pois os dedos dos pés fazem o equilíbrio e são os reguladores da postura.

De acordo com Falk (2011, p. 48),

para a criança, a liberdade de movimentos significa a possibilidade, nas condições materiais adequadas, de descobrir, de experimentar, de aperfeiçoar e de viver, a cada fase de seu desenvolvimento, suas posturas e movimentos. Por isso, tem necessidade de um espaço adaptado aos seus movimentos, de roupa que não atrapalhe, de um chão sólido e de brinquedos que motivem.

Diante à carência de profissionais preparados, com o olhar inovador, delicado e respeitador das necessidades dos bebês e das crianças pequenas; à precariedade dos espaços e dos materiais, frente à multiplicidade das tarefas cotidianas, o educador tende a um fazer

mecanizado, como rapidamente alimentar e higienizar as crianças. Entretanto, processos não participativos, ou uma intervenção invasiva sobre a criança, não são justificáveis.

Em consonância a isso, Martins Filho (2016, p. 20) apresenta que

também trazemos em formas de questionamento outras situações de participação das crianças bem pequenas, em que as professoras desconsideram seus sentimentos ou experiências. Quando limpamos o nariz de uma criança a avisamos antes da ação ou a convidamos carinhosamente para fazê-lo sozinha? Convidá-la a participar, explicando como se faz, não é um movimento fácil, pois marca a diferença de fazer tal ato de maneira mecanizada.

Dessa forma, destacamos que rotinas mecanizadas e apressadas interferem na confiança básica, na comunicação, na afetividade, na individualidade e na compreensão de mundo do bebê e da criança pequena. Assim, é preciso pensar: *eu gostaria que fizessem isso comigo?*

Em momentos como o alimentar, o trocar, o vestir, o despir, a aproximação e a despedida cabe ao educador oferecer situações prazerosas e alegres. Boas sensações desde muito pequenas são experiências positivas às crianças, como sujeitos ativos no processo de aprender, pois, desse modo, tornam-se capazes de reconhecerem seu próprio *eu*.

### **Considerações finais**

A chegada de um bebê na família ou na escola traz diversos desafios, sensações e novas emoções tanto para o adulto quanto, principalmente, para o bebê ou a criança pequena. Tudo o que acontece em torno dela desperta sua curiosidade e constrói novas aprendizagens. Quando o adulto, sejam os pais ou educadores, destina a atenção devida aos bebês, estabelece o vínculo que será fundamental para o desenvolvimento deles.

Pikler nos ajuda a entender melhor esse desafio, trazendo um suporte valioso para pais e educadores de bebês e crianças pequenas, destacando a autonomia e a relação afetiva privilegiada, e respeitando o ritmo individual através da criação de situações de equilíbrio e tranquilidade. Falk (2010, p. 17-18) destaca entre os princípios dessa abordagem:

valor da atividade autônoma; Valor de uma relação afetiva privilegiada e a importância da mesma; Necessidade de ajudar a criança a tomar consciência dela mesma e do seu entorno; Importância de um bom estado de saúde física, que serve de base para a boa aplicação dos princípios precedentes, mas que é também seu resultado.

Por tudo que sua abordagem representa, Emmi Pikler nunca foi tão atual. A adoção de

suas contribuições representa a transformação da escola de Educação Infantil, no caso das creches; a confirmação da cidadania do bebê e da criança pequena, em um ambiente sensível às suas especificidades, seguro e protegido, com vista ao melhor desenvolvimento das suas capacidades humanas.

A Abordagem Pikler destaca a relação entre o adulto e a criança como algo que se trata de uma interação afetiva, emocional e cognitiva que começa nos cuidados essenciais destacados neste trabalho. A troca de fraldas e de roupas, o banho, o sono e a alimentação formam a possibilidade de aproximação e fortalecimento do vínculo.

A observação, a delicadeza do toque e a fala são indispensáveis na vida do bebê ou das crianças bem pequenas. Fazer com que se sintam protegidos, respeitando sua autonomia, sem ser imposto o que se pode, ou não, fazer; oferecer um ambiente organizado, com diversas possibilidades de experiências, com movimentos livres, tornam a primeira infância uma fase de conexões fundamentais para o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional.

A abordagem de Emmi Pikler é um contributo importante no campo da pedagogia, pois diz respeito a uma educação infantil qualificada, humanizada e dedicada, com os cuidados essenciais às observações promotoras da cidadania. Assim, requer a reflexão constante do educador, em relação aos conceitos e sua aplicação. Nesse sentido, essa observação permite qualificar o planejamento e a prática pedagógica.

A abordagem na área pedagógica, para crianças de 0 a 3 anos, reconhece a criança bem pequena como um indivíduo; a construção do *eu* através dos cuidados, da brincadeira, iniciada pela própria criança, do espaço e da liberdade de movimentos.

Ao finalizar a pesquisa que deu origem a este artigo, sentimo-nos diferentes em relação a quando fizemos a escolha pela temática. As leituras feitas não tiveram caráter de obrigação; logo, consideramos ter avançado para um conhecimento suficiente que nos levará a novas práticas como educadoras e mães.

Acreditamos, portanto, na pedagogia que pratica gestos delicados, sem mecanização; na fala tranquila e narrativa; na observação e no tempo dedicado com qualidade a cada criança, ao ser alimentada, higienizada, vestida, retirada e/ou colocada na cama; ou seja, em todos os momentos de cuidados.

Por fim, reconhecemos na abordagem de Emmi Pikler um contributo formativo transformador da nossa prática, sendo o trabalho de conclusão do curso um momento de aprendizado e de um novo olhar sobre os bebês e crianças pequenas.

## Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em:  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)  
Acesso em: 20 mar. 2020.
- FALK, Judit. **Abordagem Pikler educação infantil**. 1ª ed. São Paulo: Omnisciência, 2010.
- FALK, Judit. **Abordagem Pikler educação infantil**. 2ª ed. São Paulo: Omnisciência, 2017.
- FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Araraquara, São Paulo: Junqueira&Marin, 2011.
- GONZALEZ-MENA, Janet; WIDMEYER-EYER, Dianne. **O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche**. 9.ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.
- MARTINS FILHO, Altino José (coord.). **Educar na creche: uma prática construída com os bebês para os bebês**. Porto Alegre: Mediação, 2016.
- PAPALIA, Diane. FELDMAN DUSKIN, Ruth. **Desenvolvimento humano**. 12.ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- SOARES, Suzana Macedo. **Vínculo movimento e autonomia educação até três anos**. São Paulo: Omnisciência, 2017.